

**PORQUE SIM NÃO É RESPOSTA:
À PROCURA DE CRITÉRIOS
QUE ORIENTEM O USO DE HÍFEN EM COMPOSTOS**

Maíra Barbosa de Paiva Melo (UERJ)

mairabpmelo@gmail.com

Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ)

flavio.ag.barbosa@gmail.com

RESUMO

Dentre as várias mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), o padrão proposto para o uso de hífen em compostos se revelou uma das maiores dificuldades para os usuários da língua, tanto os comuns quanto os especialistas. Além de remeter a conceitos de definição imprecisa, como a perda da noção de composição, ou, até mesmo, a delimitação do que é um composto, tal padrão implica em uma recategorização de uma grande quantidade de palavras, como pé de moleque, que, ao perder o hífen por conter um elemento de ligação, não se classifica mais como palavra composta. Este trabalho visa a apresentar o projeto *Porque sim não é resposta: à procura de critérios que orientem o uso de hífen em compostos e seus desdobramentos iniciais*.

Palavras-chave: Hífen. Compostos. AOLP. Ortografia. CEFIL.

1. Início do projeto

Em abril de 2012 iniciei minhas atividades como bolsista no Centro Filológico Clóvis Monteiro (CEFIL), centro de estudos de filologia pertencente ao departamento de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ. Ao atuar no serviço de consultoria linguístico-gramatical, respondi inúmeras dúvidas relacionadas à norma-padrão da língua portuguesa. Consultando o livro “Fonética, fonologia e ortografia”, de Claudio Cezar Henriques, encontrei a seguinte citação, que me despertou para a complexidade do uso de hífen em compostos:

Nos dois últimos casos [em compostos de palavras da mesma classe e cujos elementos reunidos perderam seu significado original] é que repousam as maiores dificuldades do usuário, pois ao lado das regras há a subjetividade do uso, o julgamento sobre a existência ou não da composição, a decisão quanto aos valores do sintagma, etc. Por isso, nem sempre dois substantivos juntos justificam o uso do hífen (amigo-cachorro ou amigo cachorro / bairro-favela ou favela-bairro?) ou dois verbos (vaivém X vai-volta). O mesmo se pode dizer quanto à decisão sobre “a perda de seu significado original” (ponto-de-vista ou ponto de vista? / mato-sem-cachorro ou mato sem cachorro?). (HENRIQUES, 2007, p. 86)

Vale ressaltar que o livro não contempla as alterações do atual acordo, utilizando como base a norma ortográfica de 1943. A essência das questões por ele propostas, no entanto, se mantém, mesmo com a nova ortografia.

No ano passado, ao preparar minha apresentação para o XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, pude perceber uma crescente demanda por parte dos consulentes sobre questões de ortografia, em especial relacionadas ao uso de hífen. Seguem reproduções de dois e-mails exemplares dessas questões:

e-mail 1

A dúvida da vez:

loja-satélite ou

loja satélite

Sempre usei loja-satélite, com hífen.

Para isso parti do ponto que loja-âncora também recebe o hífen. Ou não?

e-mail 2

Gostaria de tirar uma dúvida com vocês do CEFIL com relação à palavra clinicolaboratorial (ou clínico-laboratorial ou clínico laboratorial).

Por analogia, creio que o correto seja clinicolaboratorial (já que temos clinicopatológico, segundo o VOLP), mas não estou 100% certa disso. Vocês saberiam qual é o termo certo?

Acredito que o número de consultas que envolvem esse assunto tenha crescido dessa maneira basicamente por dois motivos: a implacável contagem regressiva que deixa a população lusófona, particularmente a brasileira, cada vez mais próxima da obrigatoriedade do emprego das regras de um acordo ortográfico com o qual a maioria não tem intimidade; e a imprecisão que há em alguns trechos do acordo, que carece de deter-

minações mais precisas que sanem objetivamente as dúvidas de quem a ele recorre.

Segundo Azeredo (2008, p. 13): “A ortografia de uma língua consiste na padronização da forma gráfica de suas palavras para o fim de uma intercomunicação social universalista, e só em casos excepcionais são admitidas duas grafias para uma mesma palavra”.

Ainda segundo Azeredo (2008, p. 20): “O fato de existirem duas grafias oficiais da língua acarreta problemas na redação de documentos em tratativas internacionais e na publicação de obras de interesse público”.

Daí a necessidade de um acordo ortográfico que unifique a escrita da língua portuguesa.

2. O texto do acordo

O acordo de 2009 trouxe uma importante modificação no que diz respeito ao uso de hífen em compostos:

Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido [...]

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente [...] (ACADEMIA, 2009, p. XXVI; grifo nosso).

No entanto, o hífen consagrado pelo uso em locuções, que naturalmente não seriam hifenizadas, se manteve, mesmo nelas havendo formas de ligação (ex.: água-de-colônia). Essa contradição causa dúvidas constantes aos usuários da língua, que se deparam com uma indefinição do limite entre compostos e locuções.

Além disso, algumas palavras foram incluídas no grupo das que “perderam, em certa medida, a noção de composição”, um conceito que é bastante impreciso e necessitaria de maiores esclarecimentos.

Vale reproduzir ainda o seguinte trecho do anexo do acordo, intitulado Nota explicativa do acordo ortográfico da língua portuguesa (1990), referente ao hífen em compostos:

Sintetizando, pode dizer-se que, quanto ao emprego do hífen nos compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, *se mantém o que foi estatuído em 1945*, apenas se reformulando as regras de modo mais claro, sucinto e simples.

De fato, neste domínio não se verificam praticamente divergências nem nos dicionários nem na imprensa escrita (ACADEMIA, 2009, p. XLII; grifo nosso).

Ressalte-se que o acordo de 1945 foi adotado apenas por Portugal, permanecendo no Brasil, com algumas alterações posteriores, a ortografia de 1943. Sendo assim, houve nesse ponto uma necessidade de adaptação do Brasil desnecessária em Portugal.

É importante também destacar uma das medidas descritas pela Comissão de Lexicologia e Lexicografia da ABL na elaboração da edição do *VOLP* após o acordo:

5) Limitar as exceções de emprego do hífen às palavras explicitamente relacionadas no Acordo, admitindo apenas as formas derivadas e aquelas consagradas pela tradição ortográfica dos vocabulários oficiais como passatempo, varapau. (ACADEMIA, 2009, p. LII)

Tal medida reflete a dificuldade de aplicar o conceito de “perda de noção de composição” a palavras não explicitadas no acordo.

Há, portanto, a demanda por orientações que auxiliem os usuários da língua portuguesa, leigos ou não, no emprego do hífen em compostos.

3. *Objetivos*

O projeto visa a expor informações que orientem a diferenciação entre compostos e locuções, bem como quaisquer outras que auxiliem a compreensão (ou interpretação) das diretrizes da nova ortografia no que diz respeito ao uso de hífen em compostos. Tal exposição procederá de dúvidas que chegam ao e-mail do CEFIL solicitando o serviço de consultoria linguístico-gramatical e será fundamentada por um *corpus* de usos reais e um repertório de obras de referência sobre ortografia e outros domínios gramaticais que se verifiquem relevantes para o tema.

4. *Metodologia*

Em primeiro lugar será feito um levantamento das consultas ao CEFIL concernentes ao uso de hífen em compostos em 2013. Tais consultas, aliadas (1) a artigos do professor e acadêmico Evanildo Bechara,

um dos responsáveis pela elaboração do *Vocabulário Ortográfico* da Academia Brasileira de Letras (ABL), que estão disponíveis no *site* dessa mesma Academia; (2) a textos do professor Cláudio Moreno, disponíveis no livro *Guia Prático do Português Correto* (2011); (3) a referências do *site* “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, fundamentarão o estudo, ao indicarem as dificuldades encontradas nesse assunto por diferentes pessoas, tendo em vista que o serviço de consultoria linguístico-gramatical é direcionado tanto para profissionais de letras quanto para a comunidade em geral.

Em seguida, já com o foco estabelecido de acordo com as dúvidas selecionadas, será feito o levantamento de um *corpus* composto de periódicos científicos acadêmicos, mais especificamente das revistas *Com Ciência e História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, a serem coletados por um ano e processados com o programa *Wordsmith Tools*.

Por fim, serão analisados textos normativos e de referência e as orientações neles encontradas serão confrontadas entre si e com o *corpus* coletado a fim de se estabelecer uma síntese das orientações para uso de hífen em compostos que auxiliem as pessoas em suas dúvidas a esse respeito.

5. O andamento do projeto

Até agora tive a oportunidade de cursar duas disciplinas no mestrado que me auxiliaram no embasamento teórico do projeto: “O Português do Brasil”, a partir da qual pude me aprofundar na história da ortografia portuguesa; e “Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa”, na qual pude me aprofundar nas teorias lexicais. Tive contato também com textos muito relevantes sobre ortografia em minha bolsa, novamente proporcionada pelo CEFIL, de assistente editorial da Revista *IDIOMA*. Além disso, selecionei as dúvidas do meu período de bolsista como consultora linguístico-gramatical e elaborei uma lista com todas as palavras cuja ortografia foi questionada nessas dúvidas.

Para o próximo semestre, desenvolverei novos estudos em disciplinas que, acredito, serão de grande ajuda para meu projeto: “Estudos Lexicais”, da área de linguística, cuja temática será Linguística de *Corpus*, com a qual poderei me aprofundar no que servirá de base para a segunda parte do meu projeto, descrita no segundo parágrafo da seção de metodologia deste texto; e “Tópicos em Morfologia da Língua Portugue-

sa”, com aprofundamento na diferenciação entre falso prefixo e radical, além do processo de formação de palavras em geral, em especial das compostas. Nesse semestre também poderei, em diálogo com meu orientador, aperfeiçoar os procedimentos de coleta do *corpus* e também de análise dos dados.

6. Considerações finais

Durante meus estudos sobre o tema, pude constatar que o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa gerou muitas dúvidas a respeito do uso de hífen, mas é inegável que essas dúvidas expõem problemas anteriores com relação a definições linguísticas de conceitos como lexia complexa, composto e locução. Faz-se necessário, portanto, um estudo profundo de unidades complexas do léxico a fim de auxiliar o usuário da língua em suas dúvidas sobre delimitação de composto e locução, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: Global, 2009.

AZEREDO, José Carlos de (Coord.). *Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Artigos*. Disponíveis em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?query=advse-arch&tpl=searchresults_artigos&search_by_authurname=Evanildo+Bechara.

CIBERDÚVIDAS da Língua Portuguesa. Disponível na internet: <http://www.ciberduvidas.com>.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Fonética, fonologia e ortografia: estudos fono-ortográficos do português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MORENO, Claudio. *Guia prático do português correto: ortografia*. Porto Alegre: L&PM, 2011.